

ARTIGOS

NÃO À VOLTA DA IMPUNIDADE

LASIER MARTINS
Senador (Podemos-RS)
lasier.martins@senador.leg.br



O Brasil está sob a terrível ameaça da volta da impunidade criminal, com a soltura de quase duas centenas de milhares de condenados. Após inúmeros ensaios, o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli, marcou para esta quinta aquele que poderá ser classificado como o julgamento do atraso, com risco de decisão favorável aos crimes sem punição.

Nessa polêmica sessão, caso se confirme a tendência atual, de a maioria dos ministros votar pelo fim da prisão a partir da condenação em segunda instância, poderão ser soltos da cadeia presos da Operação Lava-Jato. Igualmente, irão para as ruas outros 196 mil condenados que cumprem penas em penitenciárias de todo o país. Um descalabro!

Na prática, se tomada, essa decisão vai transformar o Brasil, de novo, numa espécie de paraíso da

impunidade. Só continuarão atrás das grades os réus sem dinheiro, os pobres, os que não podem pagar bons e caros advogados. E uma Justiça para poucos não é uma Justiça justa.

Só continuarão atrás das grades os réus sem dinheiro

Em países mais civilizados e onde o espírito de justiça está mais enraizado na população, o combate ao crime é eficaz justamente porque não se perde em interpretações jurídicas controversas, superficiais e intermináveis, o que leva à nulidade de vários processos pela prescrição, pela extinção da punibilidade.

Aqui no Brasil, o entendimento que predominou por décadas, de que o réu poderia continuar

seguindo solto enquanto recorria pelas infinitas instâncias recursais, promoveu incontáveis distorções e consolidou a impressão de um sistema que protege quem tem dinheiro e poder.

Se a volta desse entendimento prosperar, teremos então a consagração de um retrocesso, penoso, sobretudo se considerarmos o avanço obtido nos últimos cinco anos no âmbito da Operação Lava-Jato. Não podemos deixar a população desamparada e à mercê de tamanha incerteza. O caminho da Justiça precisa ser claro e efetivo, dentro do tempo necessário, para que ela seja verdadeira.

A sociedade não tolera a volta da impunidade proporcionada por intermináveis e abusivos recursos judiciais. Por isso, espero ainda o bom senso e o equilíbrio nesse julgamento. A opinião dos magistrados não pode mudar conforme o status do criminoso.

O VERDADEIRO FUTURO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS

RUI VICENTE OPPERMANN
Reitor da UFRGS
reitor@gabinete.ufrgs.br



Reitores de universidades federais do Rio Grande do Sul foram, no dia 24 de setembro, a Brasília para solicitar a deputados gaúchos que apresentem propostas de emenda parlamentar de bancada definidas pelas Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) do Estado, visando a investimentos na área de eficiência energética.

A elaboração conjunta de um projeto para o incremento de fontes de energia renováveis inclui a instalação, nas universidades, de usinas de geração fotovoltaica. Essas usinas servem a diferentes fins, sendo o mais relevante a produção de energia elétrica limpa e barata, levando à redução de custo no item que representa hoje o maior gasto para as universidades. Tal tecnologia está acessível até mesmo ao consumidor individual; nas universidades, porém, esses projetos também têm objetivos

estratégicos, como utilizar o aprendizado oriundo dos cursos de Engenharia de Energia e de Gestão de Energia; aproveitar o conhecimento científico e tecnológico constituído por pesquisadores e produzir e aprimorar tecnologias e inovações voltadas ao melhor uso da energia solar.

A energia fotovoltaica reduziria os gastos das instituições de ensino

Certamente, Ifes podem otimizar os processos de geração, armazenamento e distribuição energética, que, em geral, são oferecidos com baixa complexidade tecnológica e cujo consumo, embora seja cada vez maior, é ainda inacessível ou insuficiente em muitos locais

do Estado. Dessa forma, acreditamos que essa iniciativa, além de melhorar a gestão das universidades, oferece oportunidade para que os municípios possam se apropriar de novas tecnologias e inovações e, assim, oferecer energia de melhor qualidade e em maior quantidade.

As universidades federais são responsáveis por mais de 90% das pesquisas feitas no país e têm a grande responsabilidade de, em parceria com instituições públicas e privadas, tornar as tecnologias acessíveis à população. Potencializar nossas capacidades individuais para produzir inovação aliada à sustentabilidade é um exemplo de como podemos contribuir para o desenvolvimento do Brasil e, particularmente, do Rio Grande do Sul, já que essas instituições têm participação histórica em seu crescimento.

Opinião online



•**Ricardo L. Hentschel**, biólogo, mestre em Botânica: "Temos que diluir o antagonismo político e compor uma estratégia técnica que proteja a biodiversidade".

GAUCHAZH

Leia o artigo em
bit.ly/gzhentschel

Artigos devem ter até 2.000 caracteres. Os textos assinados não representam a opinião do Grupo RBS.
bit.ly/opiniaogauchazh artigozh@zerohora.com.br [@opiniaozh](https://twitter.com/opiniaozh)

EM DIA

CHEGOU A NOSSA VEZ

PEDRO DUTRA FONSECA
Professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS
pedro.fonseca@ufrgs.br



Há 90 anos, ao final de outubro de 1929, a bolsa de Nova York quebrou. A notícia não alterou o cotidiano de Porto Alegre, que parecia crer que não seria afetada. O Rio Grande não era um polo exportador, São Paulo seria mais prejudicado. E isso poderia até ajudar no assunto dominante: a candidatura de Getúlio Vargas à Presidência, já com apoio de Minas e Paraíba, que indicara o vice João Pessoa. Até a aliança com opositorista Partido Libertador já era façanha sem novidade.

Ninguém tinha clara dimensão dos fatos: afinal, bolsões caem e sobem todos os dias. Vargas diria: "O alarme dos cafeeiros é uma crise passageira de gente rica, que vê seus lucros diminuídos. Não nos iludamos com as aparências". Há décadas o café passava por crises e o estoque já era superior à demanda internacional de um ano. O país arcava com o custo, financiado por empréstimos externos, mas São Paulo acreditava que era uma locomotiva que puxava 20 vagões vazios. Tais recursos cessariam, pois os bancos americanos e ingleses fariam em efeito dominó, e em seis meses o preço do café era 10% de antes da crise. A indústria, a pecuária e a agricultura voltadas para o mercado interno – como as gaúchas – seriam a nova locomotiva? Mas a demanda do centro do país em queda acabou afetando os produtos locais. Os bancos Popular e Pelotense, com problemas havia vários anos, faliram. As sedes faraônicas do último – marketing de sua pujança – agora eram um ativo imobilizado. A crise exigia liquidez e não patrimônio, e na mesma situação estavam os fazendeiros cujas dívidas eram garantidas com gado e terra, também ora desvalorizados.

Aos gaúchos, a crise inicialmente parecia longínqua: o que ocorria com o café, com a pecuária, com o banco, com a candidatura... nada era novidade. Mas os acontecimentos se aceleraram e desfechos sonhados ganhavam viabilidade. Até já se comentava que, se a eleição fosse "roubada", a saída seria a revolução: afinal, por que Oswaldo Aranha, secretário de Estado do Interior, importaria armas do Canadá e da Tchecoslováquia? O mundo mergulhava numa depressão sem precedentes, mas no Estado o Réveillon foi comemorado com festas: a sensação é de que agora chegara "a nossa vez". Antídoto ao pessimismo, só a política é capaz de trazer esperança nas crises. Claro, os políticos também eram outros.

Antídoto ao pessimismo, só a política é capaz de trazer esperança nas crises

Aos gaúchos, a crise inicialmente parecia longínqua: o que ocorria com o café, com a pecuária, com o banco, com a candidatura... nada era novidade. Mas os acontecimentos se aceleraram e desfechos sonhados ganhavam viabilidade. Até já se comentava que, se a eleição fosse "roubada", a saída seria a revolução: afinal, por que Oswaldo Aranha, secretário de Estado do Interior, importaria armas do Canadá e da Tchecoslováquia? O mundo mergulhava numa depressão sem precedentes, mas no Estado o Réveillon foi comemorado com festas: a sensação é de que agora chegara "a nossa vez". Antídoto ao pessimismo, só a política é capaz de trazer esperança nas crises. Claro, os políticos também eram outros.

Pedro Dutra Fonseca escreve às quintas-feiras, a cada 15 dias.
Amanhã: **Igor Oliveira**, consultor empresarial.